

INDÚSTRIA E TRANSFORMAÇÕES URBANAS: TAUBATÉ 1891/1942

Maria Cristina Martinez Soto

Doutora em História FFLCH/USP

RESUMO: A instalação da Companhia Taubateana Industrial em Taubaté, e sua paulatina expansão no espaço físico e social, causaram profundas transformações nesta cidade valeparaibana. O artigo analisa a natureza e o significado de tal impacto a partir da comparação das práticas da companhia e do discurso centrado nas relações de trabalho, elaborado pela CTI para justificá-las.

ABSTRACT: The installation of the *Companhia Taubateana Industrial* (CTI) in Taubaté and its gradual expansion in the physical and social environment caused profound changes in this city of the Paraíba Valley. This articles analyzes the nature and the significance of such an impact by comparing the practices of the company with the discourse drafted by the CTI to justify the labor relations.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria, paternalismo, espaço urbano, espaço fabril, transformações

KEYWORDS: industry, paternalism, urban environment, industrial environment, changes

"Quando o apito da fábrica de tecidos vem ferir os meus ouvidos eu me lembro de você...".

*"Todas as manhãs, quando o apito da CTI é ouvido na histórica cidade do Vale do Paraíba, vem à mente do seu povo a figura inesquecível de Félix Guisard"*¹

1. Noel Rosa: Três Apitos, e *CTI Jornal*, Taubaté, 1944, nº 85, ano VIII

2. O Gerente local deste banco, F.C.S. Ford, "*financiou, entre 1903 e 1923, boa parte da indústria têxtil*". (DEAN, 1971, p. 64)

I. O impacto da CTI

A Companhia Taubateana Industrial foi fundada em 4 de maio de 1891, sendo seus principais acionistas Félix Guisard, Dr. Rodrigo Nazareth de Souza Reis, José Antônio C. de Souza e Valdemar Bertelsen. Contava também com o apoio financeiro do Banco Popular de Taubaté e de instituições estrangeiras, incluindo o London & Brazilian Bank², o London and River Plate Bank e a companhia inglesa Edward Ashworth, que também tinha o monopólio das vendas desde 1901. Na direção da CTI se

encontravam Valdemar Bertelsen como Primeiro Diretor Comercial, Rodrigo Nazareth, como Presidente e Félix Guisard como Diretor Gerente.

Félix Guisard possuía experiência na indústria têxtil. Ele nascera em Minas Gerais, no seio de uma família francesa de proprietários têxteis, que tinha emigrado para o Brasil, arruinada pela guerra franco-prussiana. Continuando a tradição familiar, trabalhara como técnico, passando de tecelão a Gerente Geral na fábrica de tecidos situada em Raiz da Serra (RJ) e realizara uma viagem de estudos para a França e a Inglaterra. Portanto, em 1891, ele já estabelecera contatos e cimentara um sólido conhecimento sobre o processo produtivo, os avanços técnicos, a dinâmica do mercado, as possibilidades de financiamento e as relações de trabalho.

Partindo desta base, e com o passar do tempo, foram-se ampliando as instalações da companhia e, paralelamente, aumentando e diversificando a produção. À primeira fábrica, que produzia meias e camisas de meia, veio se acrescentar, em 1910, uma nova fábrica para a produção do morim "Ave Maria", que seria distribuído por todo o Brasil. Compreendia 300 teares, uma seção de fiação, uma de alvejamento, caldeiras de vapor, uma chaminé de 24 metros e, posteriormente, outra de 36. Em 1912, foi construído mais um prédio, com 1.000 teares para a fabricação de cretones. Produzia também fios brancos e de cor, lençóis, tecidos lisos e riscados, e brins.

A tecnologia usada na construção e o maquinário eram importados. Assim como também o era a matéria-prima, fio inglês, que, no entanto, seria logo substituído por algodão do Nordeste e, mais tarde, de São Paulo, considerado mais limpo e fibroso. A energia empregada era local: turfa das jazidas da companhia, xisto, casca de café e, mais raramente, lenha, gás produzido na Companhia de Gás e Óleos Minerais de Taubaté (1888) e força elétrica procedente da Usina "Félix Guisard". Foi também local a mão-de-obra contratada. Começando com 50 operá-

rios, a companhia chegou a empregar mais de 2.000, predominando as mulheres e crianças. Em 1908, por exemplo, mais de 208 operários, 117 eram mulheres e 69 crianças³.

Na parte administrativa, a participação de outros membros da família Guisard foi notável desde o início. Além de Félix se encontravam seus três irmãos, Teófilo, Eugênio e João Batista, como mestre de fábrica, encarregado da produção e responsável pelo funcionamento da caldeira, respectivamente. Mais tarde, também colaboraram seus 8 filhos, sua esposa (na parte assistencial, preparando almoços e festas) e seus sobrinhos.

Paralelamente, a extensa família Guisard foi se apropriando da Companhia: em 1943, pelo menos 54,21% das ações nominativas eram propriedade dos Guisard⁴.

Desde a fundação até a morte de Félix Guisard, em 1942, a empresa passou por várias crises, como a provocada pelo incêndio de 1898 ou a resultante da quebra da Ashworth e conseqüente contração de dívida que a obrigou a pedir concordata em 1929. No entanto, alguns fatores possibilitaram seu crescimento ininterrupto: o uso de energia mais barata e o conhecimento das possibilidades de desenvolvimento da indústria têxtil, aliados a um agudo senso de oportunidade para aproveitar conjunturas favoráveis - o fechamento de indústrias têxteis no Rio de

3. Trata-se de uma cifra significativa se comparada com três variáveis: com o total da população urbana que passou de aproximadamente 10.000 na passagem de século para uns 28.000 em 1935, com o número de trabalhadores rurais que constituíam a maioria da população ativa do município, sendo 4.949 em 1937 e com o total de operários fabris: em 1935 havia 36 fábricas com 3.502 empregados. Arquivo Municipal de Taubaté, Pasta da CTI.

4. Relatório da CTI 31/dez./1943

Janeiro ou a demanda popular, que fora atendida com preços de 5 a 10% mais baixos.

Apoiando-se nesta base firme, a família Guisard foi ampliando seus negócios e expandindo-se pelo Vale. O jornal da CTI, a Companhia de Cinemas do Vale do Paraíba, o Banco do Vale do Paraíba, criado a partir da Casa Bancária Alberto Guisard e a Companhia Predial de Taubaté ultrapassaram os limites locais. Desde o começo observou, pois, uma predisposição à diversificação e à auto-suficiência.

Os Guisard também participaram ativamente na vida local. Ocuparam cargos e financiaram o Hospital de Santa Isabel, o Asilo de Mendigos, as Casas Pias São Vicente de Paula, o Orfanato Feminino Santa Verônica, a Escola Normal Municipal, a Escola "Félix Guisard", a Sociedade Taubateana de Ensino, o Country Club. Félix Guisard e Félix Guisard Filho também foram prefeitos de Taubaté e Jaurés Guisard, além de prefeito, chegou a deputado estadual.

Antes de morrer, Félix Guisard expressou seu desejo de manter o funcionamento da fábrica no dia de sua morte. Indicava com este gesto a consolidação de uma organização que permitiria a continuação do trabalho nos mesmos termos seguidos durante sua vida. Félix Guisard Filho sucedeu seu pai ocupando destacados postos na (FIESP), na prefeitura e como diretor e principal acionista da CTI.

Em fins de 1960, a maioria das ações da companhia foram vendidas à Companhia Nova América do Rio de Janeiro, sendo finalmente desativada em 1983.

II. O ideal harmônico e a elaboração de um discurso sobre o trabalho

O crescimento da CTI foi acompanhado de uma evolução ideológica para dotar de uma base teórica e de uma justificação as realizações de Félix Guisard, apresentando-as como um "projeto".

Neste discurso, o que fundamentava o projeto era o caráter benéfico da CTI. A empresa tinha proporcionado emprego a muitas pessoas, introduzindo-as num estilo de vida associado ao âmbito urbano.

A cidade também teria sido favorecida pela companhia ao ser aliviada de um problema social e, sobretudo, ao superar a crise advinda com o fim da produtividade dos cafezais, que ameaçava produzir o "estancamento", retomando o caminho do "progresso". Para usar uma outra imagem da época, Taubaté passou de uma "cidade morta" a uma "cidade viva" graças às realizações da CTI, interpretadas como sinal inequívoco de uma nova era de prosperidade, e à gestão administrativa do prefeito Félix Guisard.

Apresentando a CTI como a principal responsável pelas transformações operadas no município, este discurso faria coincidir a história de Taubaté neste período e a história da CTI. Neste sentido, compreendem-se as palavras do "Correio Paulistano", que concebia a CTI como "*expressão de operosidade e progresso*", assim como sua referência à "*contribuição da importante organização no desenvolvimento histórico da cidade*" e ao "*espírito construtivo da família Guisard.*"⁵

Tais mudanças aumentaram o prestígio de Taubaté, elevando-a à condição de primeira cidade do Vale e enfatizando sua função como motor econômico da região e como modelo de um tipo de crescimento. A CTI revitalizara as instituições financeiras, constituíra-se em centro de atração de mão-de-obra, favorecera as reformas infra-estruturais e melhorara as comunicações. Por citar um exemplo, a CTI em 1925, consertou a estrada que ligava Taubaté

5. *Correio Paulistano*, 17/dez/1938

e Redenção e possuía a maior parte dos 10 ônibus e 92 caminhões e tratores que faziam o percurso entre as duas cidades. Atendendo às demandas da população, esta empresa vinha preencher necessidades existentes na zona que não tinham sido executadas pelos poderes públicos, aos que, inclusive, pretendia suplantar.

A atividade econômica desenvolvida na região também despertara o interesse do governo do Estado que, segundo os valeparaibanos, tinha-lhes abandonado tempo atrás, traduzindo-se na atração de recursos para melhoramento de sua infra-estrutura. A CTI teria, pois, recolocado o nome da região no lugar de honra no conjunto da Nação, recuperando o protagonismo e pioneirismo. Depois da CTI ninguém duvidaria da condição de Taubaté como “*terra de trabalho*”, como “*o atestam as chaminés de suas fábricas que levam para todos os cantos do Brasil, e talvez do mundo, a fama dos seus produtos e a grandeza de suas realizações.*”⁶

O que tornava as instituições vinculadas a Félix Guisard tão proveitosas era o fato de estarem impregnadas de seu espírito e virtudes. Tendo Félix Guisard como eixo, todas elas faziam parte de um mesmo projeto. A todas guiava o mesmo fim humanitário que presidia os atos de seu fundador: fazer o bem. Por esta via argumentativa, acabava se identificando a figura com a obra; a CTI era “*a fábrica de seu Félix*”, a usina era “*a lux do Félix*” etc. Uma explicava e justificava a outra. Seu caráter filantrópico se manifestava tanto nas práticas de signo assistencial quanto nas de tipo econômico. Inversamente, administrava tais instituições seguindo a mesma lógica utilizada na direção da empresa. Sua faceta humanitária e seu lado empresarial estavam indisso-

livelmente unidos, produzindo-se em nível de discurso uma deliberada indistinção entre o homem e o empresário. A “*humanidade*” era uma das características fundamentais do industrial exemplar que ele pretendia ser.

De acordo com este discurso, seu caráter humano se encontrava refletido, no caso de sua obra prima, a CTI, numa série de benefícios para os operários: o trabalho era considerado como um bem. Guisard teria aberto novas fábricas para atender os pedidos dos que diariamente iam para o escritório ou para sua casa solicitar um emprego. É o caso de Porcina Bernardes que se converteria em uma operária exemplar, e cuja chegada foi assim descrita no jornal da CTI: “*Numa manhã fria de julho de 1921, apareceu à porta do escritório uma menina, pedindo uma colocação qualquer.*”⁷ Além disso, ele teria proporcionado condições de trabalho dignas e algumas vantagens insólitas naquela época, como uma remuneração de acordo com o estabelecido nas leis do trabalho, férias, 13º salário, reajustes salariais, aposentadoria, assistência médica, odontológica e farmacêutica, disposição de uma creche, um refeitório e uma cooperativa de consumo, moradia, uma caixa operária para cobrir despesas de falecimentos, casamentos e batizados, e comemorações em datas especiais - como o Natal, com a distribuição de brinquedos para os filhos dos empregados.

Não se limitando ao bem-estar material dos operários, Guisard providenciara também um suporte educacional básico que os preparasse para o futuro, e propiciara ocasiões de recreio. Preocupou-se igualmente com o cuidado do corpo, favorecendo o exercício de atividades físicas e cuidara da moralidade através de comemorações religiosas, missas

6. CTI Jornal

7. CTI Jornal, 22Jan/1942

e conselhos. Sobre estes pressupostos foi erigida uma imagem de empresário paternalista, compreensivo e firme na defesa dos humildes contra eventuais opressores.

O citado discurso destacava outras características do fundador. Adiantando-se à sua época, ele fora um profeta visionário, um inovador nas disposições sociais, na promoção do esporte e da educação, nas conquistas econômicas. Era por isso considerado um homem moderno, atributo que impregnaria suas criações. Eram modernas suas construções, sua fábrica, o tipo de relação com seus empregados e de gestão administrativa, seu estilo de vida.

Era também extremamente trabalhador. O trabalho, criativo e combativo, era a razão de sua existência, o valor supremo. Guisard,

"...foi sempre o homem do trabalho, desconhecendo a inatividade, era o primeiro a atender ao apito da CTI chamando os operários da grande colmeia para a lufa-lufa diária, mesmo nas manhãs frias de inverno, deixando a comodidade de seu lar para servir de exemplo aos seus comandos."⁸

No esforço e não em lembranças de um passado glorioso, residia a chave do seu êxito. Ele se fizera a si próprio.

Além disso, ele dirigira sua vida e seu trabalho de uma forma racional, metódica, disciplinada, conjugada com o que ele considerava as três qualidades fundamentais que, estampadas na lápide do Grupo Escolar, tornar-se-iam um conhecido lema: "*paciência, prudência, perseverança*". Estes eram os alicerces de seu sucesso. Como assinalou o jornal da CTI: "*vencera pelo trabalho persistente e metódico*". Ele cumpria com precisão matemática

desde os programas dos atos comemorativos até sua vida rotineira e acatava rigidamente os horários.

Aos seus dotes pessoais, acrescentava-se o fato de ser ele um empresário presente, atuante e aplicado. Não delegava nada em mãos de terceiros, não morava na capital. Pelo contrário, sempre se encontrava próximo de seus subordinados e de sua obra. Ele mantinha uma estrita vigilância, observava com atenção cada detalhe do processo produtivo, seguia com interesse os acontecimentos da empresa. De manhã, verificava a entrada de seus operários, cumprimentando-os pelo nome, e percorria cada uma das seções da fábrica. Ele também marcava presença nas outras instituições de que participava: promovia reuniões periódicas, projetava reformas, propunha soluções. Da mesma forma, seguia a evolução de cada empregado e se mostrava solícito em sua desgraça, como em 1918, quando atendeu pessoalmente os afetados pela epidemia de gripe.

Cristão, ele se apresentava como homem humilde, o que implicava uma ausência de ambição, em favor dos motivos humanitários e do serviço à sociedade. Por isso, em lugar de usufruir dos lucros de seus negócios em benefício pessoal, preferiria reinvestir para melhorar a qualidade dos produtos e para fins sociais. Em palavras do jornal da CTI: "*Vencer na vida não é só formar pecúlio, é fazer deste um capital em movimento, beneficiando a outros, formando parcelas do bem público.*"⁹

Como prova desta atitude, o jornal da CTI publicava uma relação da quantidade destinada às realizações sociais do ano, ao mesmo tempo em que proclamava que a junta diretiva não cobrava honorários. Nesta mesma linha, no primeiro ato como prefeito, Félix Guisard desistiu de sua remuneração

8. CTI Jornal, 22/jan./1942, nº 57, ano V

9 CTI Jornal, 15/jun./1937

em favor do Asilo. Inclusive, financiara obras públicas com dinheiro próprio. De modo que, concluía-se, eram os operários que, através das realizações sociais, usufruíam dos ganhos da CTI.

Segundo este discurso, Félix Guisard também não procurava influência ou a satisfação de uma vaidade. Para manter uma aparente independência de critério, recusava ser vinculado a um grupo social ou político, colocando-se acima de partidarismos. Ele não almejava cargos políticos: aceitara a prefeitura, apenas atendendo aos apelos da cidade. Finalmente, o que ele ganhava como prêmio do seu trabalho, seria redistribuído sábia e humanamente.

Unindo estas características, construíam-se a figura de um industrial bem sucedido e um homem exemplar, chegando-se à mitificação; apesar de notavelmente humano, era distante; estava em toda parte sem ser tangível; era acessível mas exigia um tratamento formal e respeitoso; rompia convenções, mas reforçava as hierarquias; era amado e temido; colocava-se acima de tudo, impondo sua presença, suas doutrinas, seu estilo. Em sua figura não havia contradições, nem erros em seus atos. Era, pois, quase sagrado.

Reunia, pois, todos os requisitos para ser um líder. Esta seria a construção final que englobaria as outras: Félix Guisard não era senão um ser predestinado que teve consciência de sua missão, nela concentrando todas suas energias; era um "condutor abnegado" cumprindo o compromisso de criar uma sociedade feliz.

Coroando este arcabouço ideológico, quando de sua morte estabeleceu-se um verdadeiro culto à sua pessoa: comemoravam-se os aniversários de sua morte, organizavam-se peregrinações que coloriam de flores seu túmulo; invocava-se seu nome em momentos especiais. Deste modo, resolvia-se o que poderia ter constituído um empecilho à sua obra: se tudo girava em torno da sua figura, sua morte poderia provocar um grande vazio. Entretanto, a conti-

nuidade seria garantida pelo seu sucessor, Félix Guisard Filho e porque seu espírito e ensinamentos, continuariam vivos, encarnados em seus familiares, empregados, nos taubateanos que, supõe-se, teriam introjetado suas doutrinas. Assim, se no 2º aniversário de sua morte escreveu-se sobre a "grande massa operária ceteiense, que até hoje não se conforma com a súbita partida do grande chefe que deixou no coração de todos um vazio profundo e uma saudade imperecível", também se referiam a sua ausência em termos mais consoladores: foi um "predestinado cujos exemplos serão imortalizados na consciência de gerações e gerações de trabalhadores que se sucederão." ¹⁰

A criação da imagem do empresário exemplar se complementa com a idealização do operário modelo. O que mais se apreciava num operário também era sua capacidade para o trabalho. O operário perfeito trabalhava com dedicação, entusiasmo e até mesmo com prazer e amor, como no caso de José B. Cruz, que dividia sua existência "no culto solene a dois altares onde está sempre presente a imagem soberana de Deus: Lar e Trabalho."

O amor pela atividade fazia com que o trabalhador criasse vínculo com a ferramenta de trabalho ao ponto de lhe atribuir a capacidade de compartilhar sentimentos. Assim, depois da morte de Félix Guisard, os empregados "sentiram que as próprias máquinas pareciam possuídas de uma amargura indefinível...", "ouvindo... os sons amargurantes e doloridos daqueles tristes apitos..."

Esta dedicação derivava da consciência de sua importante função e de seu profundo senso de responsabilidade. Assim resumia-se numa argumentação em favor das férias coletivas:

10. CTI Jornal, 15/abr/1944 e 15/jun/1941

"poderia o operário descansar se ele sabe que sua máquina está rodando? Terá o substituto o mesmo carinho que ele tem por ela? E o contramestre, marchará em ordem à sua seção? E o mestre, que nós sabemos que considera as fábricas como parte de sua vida. Eles não poderiam descansar o espírito se soubessem que sua fábrica estava em atividade..."¹¹

O operário definia-se como extremamente disciplinado, preciso, prestativo, honesto, obediente e respeitoso com seus superiores. Era também leal para com a empresa, medindo-se a fidelidade pelo seu tempo de serviço. Não menos importante era seu companheirismo, seu espírito de colaboração, sua capacidade de compenetração. Afirmar que um operário era estimado por todos, o patrão inclusive, era a melhor das homenagens.

Alguns operários queriam qualidades especiais em atenção às suas funções. Nos chefes era indispensável uma aptidão para orientar, servir de exemplo e ganhar o respeito de seus subalternos, de um lado, e para obter a confiança do proprietário, de outro. Os trabalhadores especializados precisavam possuir conhecimentos técnicos e habilidade. Também se exigia das mulheres qualidades específicas:

"...em todo lugar, onde quer que esteja, a mulher se desencumbe a contento da missão que lhe fora confiada, criando em torno de si uma aureola de renúncia, de sacrifícios, que muitas vezes superam o trabalho do sexo forte."¹²

O trabalhador ceteiense transcendia sua faceta profissional para se tornar um tipo de pessoa: dedicado ao lar e sadio.

Finalmente, o operário constituía a contrapartida do empresário. Do lado oposto da figura do pai, encontrava-se o trabalhador infantilizado, bom, ingênuo e incapaz de se conduzir a si próprio sem a orientação de um líder, de uma elite ilustrada: "*O operário, via de regra, é uma criança pelo coração, um semi-primitivo pela educação, um adolescente em evolução para a formação do espírito. Conduzido pelos bem intencionados é ele sempre um bom.*"¹³ Cada uma das facetas do chefe se correspondia com uma determinada atitude dos operários. Como pai ele oferecia proteção, retribuindo eles com seu agradecimento; como líder eles o seguiam; como modelo de virtudes eles o imitavam, como benfeitor eles o estimavam e guardavam-lhe fidelidade.

A um novo tipo de trabalhador corresponderia uma nova concepção de trabalho. O emprego era um bem recebido e uma sorte para seu possuidor. O trabalho redimia, conferia dignidade e posição social; era a riqueza do pobre e a justificação da fortuna do rico.

Os operários da CTI seriam, além de tudo, privilegiados. Eles recebiam como reconhecimento do seu labor uma série de benefícios que os resgata-
vam de sua condição, imunizando-os contra crises (epidemias, carestias, morte), e possibilitando o exercício de um modo de vida moderno. Os empregados da CTI dançavam ao ritmo do jazz, faziam representações teatrais, iam ao cinema, andavam de bicicleta, praticavam esportes. Através da companhia, o operário obtinha um reconhecimento social em função de sua utilidade, diferenciando-se dos seres improdutivos e marginalizados. A CTI lhe permitia manter de forma honesta as condições físicas e morais necessárias para incorporarem coe-

11. CTI Jornal, 15/dez./1939 e 15/abr./1944

12. CTI Jornal, 22/jan./1942, n° 57, ano 5

13. CTI Jornal, 22/jul./1942

rentemente os valores oficiais, aproximava-o da elite, na crença de compartilharem com ela valores constituídos em torno do trabalho e conferia-lhe um sentido de identidade.

A ocupação fabril era concebida como uma prática mecânica que implicava a interiorização de uma determinada noção de tempo e espaço, e favorecia o desenvolvimento das habilidades manuais e mentais. A fábrica se erigira numa escola de virtudes e o trabalho no valor supremo: *"a maior razão de ser das coisas do mundo é o trabalho, nascido com o próprio criador."*¹⁴

A novidade não residia na proposta de uma disciplina rígida, já conhecida dos trabalhadores desta região outrora escravocrata, mas nas sutilezas da apresentação. O trabalho fabril não se constituía em um símbolo de opressão porque não era humilde, nem compulsório; ao contrário, era valorizado e recompensado.

A pedra angular desta construção emblemática eram as relações capital/trabalho baseadas na unidade:

"...queremos cada vez mais unidos, sem divisões morais, todos os elementos que fizeram e estão fazendo o engrandecimento da CTI. Marcharemos sempre num sentido da cooperação."; "... o sentido da cooperação, bem aprendido e bem executado entre as coletividades trabalhadoras e patronais é sempre o caminho racional, único, para as vitórias mais assinaladas." "Só na base associativa de verdadeiras grandes famílias poderemos, em definitivo, nos entendermos, para a sublime dignificação da raça humana."¹⁵

Os participantes do processo produtivo estavam unidos em volta de uma figura e, principalmente, de um fim comum, que dava sentido aos seus atos. To-

dos trabalharam com dedicação e abnegação porque tinham consciência de sua participação num projeto global, de sua missão na busca da prosperidade nacional.

Assim agrupados, conformavam um todo orgânico que transcendia individualidades. A imagem de uma colméia, ou de uma família, cada um cumpria uma determinada tarefa, necessária para o funcionamento do conjunto.

Este esquema se fundamentava em relações harmônicas. Os companheiros deviam ser solidários e atuar em perfeita sincronia¹⁶. As relações com os superiores deviam se apoiar na obediência.

A relação entre Guisard e seus operários não se baseava exclusivamente no contrato, nem se limitava ao âmbito trabalhista: era pessoal ao ponto de se identificar a ocupação na fábrica e o serviço a Félix Guisard. José B. Cruz, por exemplo, foi definido como *"um velho e prestimoso servidor da família Guisard"*. Ele trabalhara durante vários anos como copeiro na residência de Félix Guisard e de outros membros desta família; portanto, *"já era ele ceteiense"*. Mais tarde, empregou-se como auxiliar de escritório na CTI onde, *"sempre solícito, atende a todos que o procuram, ora satisfazendo um pedido, ora nos oferecendo um saboroso café..."*¹⁷

A ambivalência deste discurso propiciava, pois, uma confusão entre relações emocionais e profissionais, pessoais e impessoais, entre favor e emprego, público e privado. Dependendo do caso, a ênfase seria colocada num ponto ou em outro. Assim, se para administrar a empresa se destacava o critério

16. A CTI definia-se como *"esse sadio ambiente de sociabilidade, de fraternidade, sonhado e em grande parte realizado por Félix Guisard."* CTI Jornal, 15/abr./1944, no 85, ano VIII

17. CTI Jornal, 15/dez./1939

14. CTI Jornal, 15/jul./1937

15. CTI Jornal, 15/abr./1937, 15/dez./1937, 21/mai./1943

da racionalidade, nas relações patrão/empregado valorizava-se mais o fator sentimental. Além disso, criou-se a falsa ilusão de uma socialização dos meios de produção por serem todos beneficiários dos lucros, levando os operários a acreditar numa responsabilidade compartilhada da sorte da empresa. Por outro lado, ao se apresentar a CTI como veículo de ascensão social e econômica, descaracterizava-se o capital, neutralizando-se qualquer conotação negativa. Ele não era um causador de miséria e sim sua solução; a fábrica não despersionalizava, ao contrário, reconhecia as capacidades individuais. Em última instância, a parte impositiva do programa era apresentada, de uma maneira indireta e difusa, como um imperativo externo. Não eram o proprietário e seu negócio, os que exigiam um tipo de disciplina, mas o trabalho que, por sua vez, era uma necessidade colocada pela ciência, a tecnologia, o progresso e outros valores supremos. No máximo, o controle poderia se atribuir ao mestre e contramestre, que, como os administradores dos fazendeiros, catalisariam eventuais animosidades dos subalternos.

O resultado desta exposição era a substituição do conflito pela união de interesses e a harmonia entre capital e trabalho. Este discurso nem admitia a possibilidade de confronto. Assim, o jornal da CTI era: *"Fonte de rica doutrina, que sustenta o amor e a paz, não admite verrina que a concórdia desfaz."*¹⁸

A partir desta ótica, não caberia contradição na diminuição do número de empregados em tempos de crise, ou na utilização de mão-de-obra infantil - que estaria se preparando para atingir um bom cargo. Não haveria necessidade de oposição entre os sexos, porque apesar de os postos de responsabilidade estarem

em mãos masculinas, na realidade, as mulheres estariam desempenhando as tarefas correspondentes ao seu gênero. Também não existiria possibilidade de um confronto racial ou baseado na origem e a oposição de classe teria sido obliterada em favor da integração. Todos eram necessários para o adequado funcionamento da empresa. Neste contexto, o conflito aparecia como impropriedade e desnecessário.

Deste modo, cortava-se pela raiz qualquer possibilidade de contestação a este sistema de dominação. Félix Guisard teria se antecipado, por iniciativa própria, às reclamações operárias doando, tudo aquilo que ele considerava lhes era necessário. Prevenira o surgimento de organizações trabalhadoras, promovendo o Centro de Operários Livres - fundado por Eugênio Guisard - e mudando o caráter das associações existentes. Ele contrapôs suas propostas aos protestos contra os baixos salários ou os acidentes de trabalho. Desta forma, substituíra reclamações de direitos por um sentimento de gratidão. Baseando-se numa concepção paternalista, segundo a qual o trabalhador seria incapaz de reconhecer o que lhe convinha, substituiria qualquer iniciativa operária negando, assim, sua capacidade de autodeterminação e aprofundando sua dependência em praticamente todas as esferas da vida.

Esta estratégia permitia maximizar rendimentos e minimizar custos. Conseqüência deste tipo de colocação foi, por exemplo, o oferecimento dos operários para trabalhar mais duas horas diárias, gratuitamente, em 1929. Ela possibilitava uma reapropriação do salário por canais indiretos, como o aluguel de moradias. Por outro lado, propostas, como a da Caixa Operária ou a da cooperativa de consumo, evitavam os aumentos de salários sem perda significativa na capacidade de consumo.

Forjou-se, portanto, um corpo doutrinário extremamente autoritário. Como contrapartida não haveria direitos, nem dignidade fora do caminho traçado, nem receberiam benefícios os improdutivos:

18. CTI Jornal, 15/abr/1944, nº 85

*"Nela (a reforma social) serão alijados à margem do caudal do progresso os inoperantes, os apáticos, os valetudinários da preguiça."*¹⁹ Além disso, o trabalhador que perdesse seu emprego, perderia juntamente, a casa, a possibilidade de educação, de cuidar da saúde e de diversão.

Esta doutrina, portanto, fundamentava a união na exclusão dos diferentes, na expulsão dos inconvenientes e, em geral, na aniquilação de tudo o que não se adequasse ao projeto. Em consequência, mesmo que não abertamente explicitado, seriam sistematicamente proibidas as associações de trabalhadores e demitidos os promotores de greves. Os que provocassem ou evidenciassem o conflito, também seriam qualificados de pessimistas e ingratos. O espírito crítico e o comportamento independente seriam objeto de rigorosa censura. Esta prática dividia a sociedade em duas partes contrárias. Existiam os bons ceteienses, os bons taubateanos, os prestativos e cooperadores e, subentende-se, os maus ou improdutivos.

Era, além disso, uma ideologia fechada que se auto-justificava. Apoiada na negação e na ignorância, pressupunha o isolamento dos trabalhadores para evitar influências externas.

Era também um pensamento totalitário porque, sob pretexto de criar uma sociedade feliz, afincada no bem-estar proporcionado pela indústria e numa série de valores supostamente universais, pretendia impor a toda ela um modelo, criado a partir das necessidades da fábrica, e adaptar o indivíduo ao mesmo. A imagem da cooperação dentro de uma grande família se adequava às necessidades do trabalho fabril baseado na interdependência. Nesta socieda-

de, cada atividade humana adquiriria um novo valor de acordo com a taxa de produtividade, que descansava, por sua vez, em determinadas noções de eficácia. Da mesma forma que na fábrica cada máquina e atividade ocupavam um lugar e uma função, seguindo um modelo que procurava maximizar o rendimento, assim cada aspecto do dia-a-dia do operário deveria estar sabiamente disposto.

Este projeto, enfim, propunha uma sociedade urbana, dinâmica, inovadora, alfabetizada, sã, apoiada no conforto, orientada para o progresso, liderada por uma elite esclarecida, povoada por operários industriais e modernos. Sociedade que se definia por oposição a um mundo rural, atrasado, ignorante, dividido por relações de poder extremamente hierarquizadas e arbitrarias, o mundo da miséria, das epidemias, das senzalas, da tradição, da preguiça, da improdutividade, da decadência: *"a terra de Jacques Félix, primitiva, sem luz, sem estradas, sem movimento e quase sem vida, do dealbar do século, será agora um arauto à altura da nossa civilização"*.

Apesar de apresentar a nova sociedade como o resultado de uma ruptura, tratava-se de um discurso imobilista orientado a perpetuar a ordem existente. Admitia-se a possibilidade de transformações com o passar do tempo, mas numa única direção pré-determinada. Propunha-se uma organização social hierárquica, onde os direitos e deveres de cada um, assim como sua posição social, estariam preestabelecidos.

Na prática, tal dicotomia era resultado de inimizades pessoais e políticas e não de duas propostas contrárias. Tratava-se de uma oposição estratégica e circunstancial entre dois grupos -os fazendeiros e os industriais- pelo controle do poder municipal. Entretanto, as confluências eram significativas. Os Guisard possuíam fazendas e numerosos lavradores participaram de empreendimentos industriais e comerciais, inclusive da CTI, caso dos Marcondes de Mattos. Ambos grupos coexistiam nas instituições benéficas ou nas reuniões sociais e familiares.

19. *CTI Jornal*, 22/set./1943

Félix Guisard repetiu muitas das atitudes dos fazendeiros: o tratamento aos empregados, protetor e impositivo, a ênfase nas relações pessoais, a mistura entre público e privado, a valorização da unidade familiar em detrimento do indivíduo, a ligação com a terra, a tendência à criação de núcleos auto-suficientes e ao isolamento dos trabalhadores e a constituição de um mundo com normas, ritmos, datas e memória próprias.

Num momento em que a cidade crescia e a sociedade se transformava, exigindo novas classificações, recorreu-se à contraposição para desviar a atenção do problema principal e, ao mesmo tempo, para fundamentar a imagem do empresário defensor dos pobres frente às pressões dos poderosos. O inimigo real, no entanto, não era este grupo. As ameaças a este projeto eram as reivindicações dos trabalhadores, as propostas de modelos alternativos e de reformas parciais. Existiam precedentes de antagonismo, associações operárias e movimentos grevistas.

Este conflito sempre latente explica o tom defensivo do discurso, as imagens guerreiras (batalha, vitória, conquista, salvar, campanha) a apresentação de Guisard como o "*atleta das lutas ao grande embate, dessa pugna incruenta...*"²⁰

Por outro lado, esta ideologia ao contrário do que pregava, não foi obra de um único indivíduo, nem original. Foi, na verdade, cuidadosamente construída ao longo de um processo. Félix Guisard contava com o apoio de um grupo familiar e profissional, entre os quais figuravam alguns intelectuais (caso de Félix Guisard Filho) que conformaram e difundiram estas idéias. Além disso, percebe-se neste arcabouço ideológico uma influência de discussões da época. Os

Guisard estavam se posicionando nos debates contemporâneos quando apoiavam a visão orgânica e funcionalista da sociedade, as teorias eugênicas e a formação de um trabalhador sadio e forte, quando adotavam um tom patriótico, ou quando defendiam a necessidade de um líder e uma elite e a existência de grupos superiores.

Também não era original sua visão da história como um caminho até o progresso através dos avanços tecnológicos. E sua defesa do fator sanitário tinha precedentes inclusive em Taubaté onde, desde a metade do século XIX, estavam se propondo reformas urbanas a partir deste critério.

Outras idéias foram deformadas e esvaziadas de conteúdo a fim de neutralizar as contradições do discurso fazendo coincidir uma visão harmônica e uma proposta de sociedade imobilista, desigual e autoritária. Tratavam também de compatibilizar a carreira ascendente de Félix Guisard com o esforço para evitar a mobilidade dos trabalhadores, a pretensa neutralidade política com um efetivo apoio ao governo, um firme posicionamento no tema trabalhista e uma ativa participação dos círculos políticos nacionais em defesa de seus interesses econômicos.

Também a postura frente à industrialização tinha precedentes e obedecia a determinantes históricos. Nos anos 20, o lento crescimento da indústria e a concorrência estrangeira tinham colocado a necessidade de definir uma política empresarial, de racionalizar o processo fabril para aumentar a produtividade e diminuir os custos, de atrair a mão-de-obra local, de adotar uma estratégia de auto-suficiência e diversificação econômica. Do tipo de industrial trabalhador, filantrópico e líder, já havia exemplos na Inglaterra desde começos do século XIX (Titus Salt, R. Owen, Samuel Smiles). Os ideólogos taubateanos também comparavam Félix Guisard com o *Facundo* de Sarmiento, apoiavam a *Rerum Novarum* de Leão XIII e sua exaltação à cooperação entre patrões e operários e admiravam o exemplo dos Estados Unidos.

20. CTI Jornal, 15/abr/1944

Durante sua estadia em Raiz da Serra, Guisard tivera a oportunidade de conhecer um modelo de gerenciamento, o da companhia inglesa América Fabril, que apostava numa profunda imbricação entre capital e trabalho baseada no isolamento espacial do conjunto formado pela empresa e pela comunidade operária que, aglutinada em vilas em volta da fábrica, pautava seu cotidiano em função da mesma. Mais concretamente, ele se encaixava num projeto global de empresários brasileiros. Quando Guisard construiu a Vila operária já havia precedentes e numerosa literatura sobre o tema dentro e fora do Brasil. Jorge Street edificara a Vila Maria Zélia, ao redor de sua fábrica de tecidos em 1919. O grupo Guisard mantinha um estreito contato com outros industriais e mostrava um espírito de classe que não apreciaria entre seus operários. Félix Guisard esteve estreitamente vinculado a Roberto Simonsen - que chegou a visitar a CIT. Com ele visitou a Inglaterra na Missão Comercial e Industrial Brasileira de 1919, fundou a FIESP, compartilhava numerosas idéias sobre racionalização de tempo e espaço, mobilização do capital e relações paternalistas. Unidos a outros empresários, lutaram contra as organizações operárias através do Centro de Fiação e Tecelagem de São Paulo, desde 1919 e da caça aos comunistas.

Por outro lado, a difusão destas idéias foi conscientemente planejada. Cada ato público tornava-se veículo propagandístico. No 50º aniversário da fundação da CTI, por exemplo, parou-se o trabalho às 10 horas para dar lugar aos festejos que incluíam corridas, futebol, entrega de certidões de 50 casamentos, missa no pátio da fábrica, inauguração da cooperativa de consumo e do Grupo Escolar, colocação do retrato de Teófilo Guisard, dança com a orquestra de jazz no Taubaté Country Club e colocação de flores nos túmulos dos primeiros fundadores e outros colegas falecidos.

Também foram poderosos meios publicitários a Rádio Difusora e o *Jornal da CTI*. Este, que come-

çou como uma publicação local e semanal, com uma tiragem de 4.000 exemplares, acabou se tornando diário e abrangendo todo o Vale. Suas páginas difundiram o mito de Félix Guisard, o modelo do bom operário - destacando os melhores funcionários na seção "Galeria da CTI" - a ilusão de uma perfeita comunhão entre os integrantes da CTI, uma versão da História do Brasil e do mundo, noções de moral e higiene e informações técnicas. Conjugavam, para isto, uma linguagem visual direta e uma disposição tradicional dos artigos. Como em outros jornais locais, noticiavam aniversários, falecimentos ou casamentos e comentavam os fatos locais, mas os protagonistas principais eram os participantes da CTI. Criaram-se, assim, datas e um calendário próprio e oficializou-se uma memória histórica da empresa.

O objetivo manifesto do jornal era defender "*as reais aspirações do trabalhador nacional*":

Este jornal... a folha do pessoal mais unido que eu já vi, traz notícias de interesse, bons artigos doutrinários, faz a grande e farta messe que sustenta os operários... Doutrinador, e em defesa de uma classe que a grandeza faz do Brasil; dia a dia, cada vez mais necessário se torna para o operário que defende, ampara e guia.

Visava também instruir um público privado de informação e proporcionar distração

amenizando os sofrimentos dos espíritos agitados e esgotados pelo trabalho cotidiano... levar aos seus queridos operários a cultura espiritual que resulta... na melhoria do meio e no progresso da cidade (...) difundir no meio operário os princípios de ordem moral, intelectual e cívica, que mais se harmonizam com os altos destinos do homem que trabalha...

Paralelamente, reconhecia sua sujeição à CTI, anunciando ao sair o primeiro número: "*a CTI (mandou) avisar que tem mais um criadinho às ordens.*"²¹

21. *CTI Jornal*, 15/abr/1944

A educação foi outro canal de doutrinação. Da creche à escola profissional, o intuito era forjar um homem novo e uma mão-de-obra eficiente. Em geral, todas as instituições ligadas aos Guisard foram orientadas para a transmissão de valores e pautas de comportamento. Até a vida de Félix Guisard servia como modelo propagandístico. Seu funeral, por exemplo, foi detalhadamente narrado e retratado nas páginas do *CTI Jornal*: mais de 20.000 assistentes que protagonizaram cenas de choros e colocaram flores. O ataúde, carregado por trabalhadores, saiu da residência dos Guisard, passou pela fábrica e pelo escritório e percorreu a cidade. Um aeroplano sobrevoou jogando flores sobre o cortejo em seu caminho para o cemitério da Ordem Terceira.

Este discurso também recorreu ao uso de símbolos. Na década de 20, por exemplo, foi revalorizada a figura do bandeirante com todos seus atributos que, por extensão, seriam aplicados aos taubateanos (bravura, trabalho, religiosidade, pioneirismo). Propiciaram-se associações, até em nível inconsciente, colocando lado a lado retratos da família Guisard e imagens religiosas, levando estas à fábrica para as comemorações, mostrando fotos de Félix Guisard entre familiares, alunos, operários.

Inventaram-se termos adequados a uma nova ideologia do trabalho. Assim, a fábrica foi denominada "grande casa de trabalho", "oficina de trabalho", "escola de amor e trabalho", sendo Félix Guisard "o grande chefe", "homem do trabalho". Deram-se nomes às ruas e aos prédios. Recorreu-se a bandeiras, hinos (da escola, da CTI), procissões e marchas. Até a marca dos tecidos tinha um significado. O morim "Ave Maria", reproduzia a imagem do "Angelus" de Millet, mostrando, além de conhecimento da cultura francesa, o trabalho e o descanso separados por um divisor do tempo, os sinos da igreja, e a atitude reverente do trabalhador. Esta imagem teve inúmeras repercussões; uma escultura dos camponeses encontrava-se no escritório de Félix Guisard, um programa da

Rádio difusora foi denominado "Ave Maria", uma reprodução foi dada a Félix Guisard pelos operários no seu 80 aniversário²².

Em geral apelou-se aos sentimentos, manipularam-se temores, aproveitaram-se estereótipos, catalisaram-se emoções e energias, encaminhou-se a competitividade. Os Guisard teriam compreendido os anseios da população. Eles também souberam canalizar a animosidade dos operários contra os poderosos, apropriando-se de traços culturais locais, como a crença na figura do patrão paternal, a valorização de um chefe próximo, reconhecedor das capacidades de seus trabalhadores e sabedor dos detalhes do ofício, ou a condenação de posturas críticas e a defesa da cordialidade: "*porque ser pessimista?. O pessimista, mesmo moderado, é sempre um infeliz.*"²³

O conjunto doutrinário exposto pretendia, pois, forjar um modelo de sociedade, obter um consenso, adaptar os hábitos da população a um sistema produtivo, consolidá-lo e estender sua influência por outros âmbitos. Não se trataria de reprimir abertamente, mas de dirigir de forma difusa e subliminar, o que explica a importância do discurso. Foi neste sentido que as construções realizadas pelos Guisard cumpriram um papel essencial no conjunto do projeto.

III. A renovação do espaço taubateano

Ao considerar que as modificações sociais deviam ser acompanhadas de um novo tratamento do

22. A imagem, circulando pelo imaginário dos taubateanos, foi inclusive mencionada por Monteiro Lobato, admirador de Félix Guisard, numa referência aos arrozais do Quiririm.

23. *CTI Jornal*, 15/mar/1938

espaço, os idealizadores das transformações urbanas subordinaram o espaço aos conceitos que, supostamente, determinavam os atos cotidianos. Assim, trataram de racionalizar o uso do espaço de modo a extrair dele o máximo proveito eliminando áreas não produtivas.

As edificações também deviam guardar condições higiênicas adequadas para criar um homem sadio e produtivo. A doença era associada à miséria e vista como uma ameaça social e não como resultado de condições materiais. Consequentemente, propunha-se um tratamento individualizado, dirigido ao corpo, preventivo e aplicado em locais especializados.

Tentou-se adequar o espaço à sua função. O espaço urbano devia estar convenientemente dividido em áreas de atividade (recreativas, residenciais, industriais), que por sua vez estariam englobadas organicamente num mesmo projeto. Ele também deveria ser descongestionado, evitar a despersonalização, reduzir a possibilidade de atrito e limitar as concessões ao acaso. As intervenções no tecido urbano eram presididas por um afã de classificar e diferenciar.

No espaço fabril concorriam fatores específicos:

"experiência tem demonstrado que um ambiente agradável e de proporções amplas tem decisiva influência sobre a produção operária e, em determinadas indústrias, onde há necessidade de uma elevada contribuição de mão-de-obra, o fator ambiente sobre o trabalho coletivo é de acentuada importância." (SIMONSEN, 1973)

Em resumo, tais projetos arquitetônicos se propunham a moldar o homem, disciplinando sua vida em torno de determinadas noções de limpeza, conforto, ordem, privacidade, moral e higiene e servir como veículos de auto-propaganda.

Se a nova sociedade partia, de novos critérios de produtividade, o conjunto idealizado pelos Guisard partiria da primeira fábrica. Foi uma consciência das

possibilidades espaciais a que determinou a escolha do lugar para a colocação da fábrica. A cidade de Taubaté oferecia boas comunicações com centros principais e com a costa, uma estrada de ferro e vantagens infra-estruturais como a companhia de gás ou as linhas de bondes. Disponha de recursos energéticos, abundância de água, incentivos oferecidos pelo governo municipal como isenção fiscal para a importação e um considerável contingente de mão-de-obra barata e necessitada.

No século XVII, Taubaté estava composta de 5 ruas paralelas do mesmo comprimento, cortadas por outras 5 organizadas em volta da Matriz, que podia ser avistada de qualquer ponto da vila. O outro centro referencial era o Convento de Santa Clara, edificado em 1674 num local alto desde onde impunha sua presença protetora e dominadora. A estrutura urbana se manteve quase inalterada durante o século XVIII, crescendo ao longo do traçado das 5 ruas e das terras adjacentes ao convento. No século XIX, a vila começou a se expandir em volta deste núcleo e em direção ao leste e à estrada São Paulo/Rio. Núcleos dispersos foram surgindo e realizaram-se loteamentos para habitações populares em bairros afastados das zonas leste, sudeste e nordeste. Do lado oeste, algumas ruas uniram o centro à estrada de ferro.

A CTI foi instalada na parte menos urbanizada, o oeste, do lado da via férrea e próximo da estação, numa área suburbana, composta de sítios dispersos e casarões e casebres esparsos. Deste ponto partiriam os trilhos da estrada de ferro para Ubatuba e o caminho que conduzia ao núcleo colonial do Quiririm.

Desde o início a CTI se colocara como um conjunto separado, mas suficientemente próximo do centro e, ao mesmo tempo, ligado ao exterior. Ao redor da primeira fábrica foram surgindo outras construções que formaram um conjunto coerente, auto-suficiente e funcional; uma cidade dentro da cidade.

A distribuição espacial revela predileção pela simetria. O conjunto foi englobado numa figura geo-

métrica em forma de estrela. Estava composto de oito núcleos rodeados de seis grandes avenidas (de 20m de largura aproximadamente) cortadas por outras oito avenidas que convergiam para uma praça ajardinada, a Praça Félix Guisard.

Cada edificação abrigava uma atividade e se correspondia com uma ponta da estrela. Traçou-se um paralelo entre o organograma da empresa e o lugar em que cada seção estava situada. A disposição espacial refletia as hierarquias e os passos do processo produtivo.

Num dos lados da estrela alçava-se a primeira fábrica, sóbria e sólida. Tratava-se de uma construção ampla e comprida, com iluminação zenital, procedente de janelas dispostas regularmente na parte superior. A construção sobre uma armação de ferro era resistente e maciça. A estrutura seguia os moldes das fábricas inglesas, com armação em forma de tesoura, sustentando um telhado em duas águas, uma delas envidraçada, com colunas, vigas e pequenas abóbadas de tijolos ociosos. O revestimento era de tijolo aparente. A parte externa formava um muro contínuo, grosso, unicamente interrompido pelas janelas cobertas de grades e vidros. No interior, a planta regular se encontrava dividida em seções, correspondendo às diversas etapas do processo produtivo. As máquinas mantinham entre elas a distância mínima indispensável.

As duas fábricas posteriores estavam rodeadas de densos muros, com um portão central vigiado por um posto policial, ao lado do qual se situava a casa do guarda e, do outro, um escritório. O interior guardava a aparência de uma cidade, com ruas e prédios dispostos simetricamente aos lados. Atrás do escritório se achavam as duas plantas fabris e, no meio, instalações sanitárias e elétricas, torre de água, geradores, caldeiras e depósitos.

As fábricas reuniam as condições de trabalho consideradas necessárias. Eram amplas, iluminadas, ventiladas e limpas. Fechadas, não deixavam trans-

parecer do exterior as atividades das oficinas, e nem penetrava de fora mais do que a luz imprescindível. Tudo favorecia a concentração. O barulho das máquinas impedia a comunicação entre os operários. A pré-determinação de seu espaço de trabalho facilitava um controle permanente de sua posição e impedia a movimentação desnecessária. Nada nelas convidava ao descanso. Ao contrário, tudo orientava para a produção. Apenas na saída, ergueram-se passeios com árvores e bancos.

Do lado da estrada de ferro, em outra ponta da estrela, encontravam-se os depósitos de algodão, de maquinário antigo e ferro velho, as oficinas de fundição e carpintaria e as caldeiras de vapor.

Rodeando as plantas industriais, encontravam-se edificações para fins assistenciais com uma parte central destinada à atividade principal e salas para ocupações complementares - refeitórios, sanitários, médicos. Com janelas e sem muros, davam uma aparência mais aberta. A creche, do lado da fábrica de cimento - que atendia uma média de 138 crianças - estava dividida em salas para menores de um ano e as reservadas para as maiores, dispostas simetricamente de cada lado do prédio. Tinha também refeitório, copa, lavanderia, sala médica e salas de observações onde as crianças aprendiam a conviver, alimentar-se, cuidar do corpo e se vestir corretamente. Era um prédio simples, de um único andar. Na fachada, de tijolo aparente, sem decoração, abria-se uma porta central e várias janelas separadas por pilastras estriadas. Como único elemento diferenciador possuía uma varanda.

Também junto à fábrica de tecidos na rua América, localizava-se um restaurante para 840 pessoas. No refeitório, seguindo o critério da uniformidade, foram enfileiradas 105 mesas redondas de granilite coladas ao chão, observando idêntico espaço entre elas. Do seu tronco saíam 8 cadeiras redondas com uma base de concreto armado e assento de madeira. Contava com 3 copas, uma cozinha com fogões, caldeirões,

uma mesa para a preparação das carnes, um frigorífico e um quarto de comestíveis, tudo de grandes proporções. Apesar da concentração de pessoas, nada favorecia atividades ilícitas ou casuais nem agrupamentos espontâneos ou superiores a 8. De qualquer ângulo, podia ser apreciado o todo e o tempo de refeição era preestabelecido em função do ato de comer.

Na mesma parte da estrela, foi erigida uma cooperativa agrícola (1943) em forma de imenso galpão, com uma nave central e duas laterais, levantada sobre uma estrutura de ferro terminada em tesoura. Em outra das pontas, o Grupo Escolar Félix Guisard (1941) constava de um andar retangular pequeno e simples. A fachada de tijolo aparente continha uma porta e duas janelas de cada lado, divididas por pilastras. Sua única decoração eram as siglas da CTI no frontão. Na escola, os mais de 500 alunos, filhos dos trabalhadores recebiam aula, assistência médica, sopa escolar e vestuário, completando-se o ciclo educativo da creche. Sua modesta aparência não concordava com a importância atribuída à educação no projeto de Félix Guisard:

“A educação é a base do funcionamento das sociedades... Só com a educação metódica, sistemática, paulatina, lenta, conseguiremos melhorar o ambiente das coletividades laboriosas da nossa terra.”²⁴

Tudo devia conduzir à moderação, à sobriedade e à concentração no ensino. A escola não era um local de recreio. O preceito preferido de Guisard estampado na lápide do Grupo Escolar para perpetuação da memória do benfeitor e a constante participação dos alunos em comemorações contribuíra para reforçar a sua vinculação à empresa.

Nas adjacências da empresa construiu-se também a emissora da Rádio Difusora, modesta, de tijolo aparente e com as siglas da CTI na frente.

O conjunto da CTI incluía ambulatório, cabeleireiro, serviços médico-sanitários e instalações esportivas: o aeródromo, para vôos acrobáticos e exposições, o Estádio de Futebol Félix Guisard (1942), idealizado por Raul Guisard para a equipe da companhia, que apresentava “*as características de resistência, altura, harmonia e beleza necessárias à grande obra*”²⁵, o Sport Club de Taubaté (1914) e o Country Club, dirigido por Vítor Barbosa. Visavam proporcionar recreio, disciplinar o corpo e fomentar um senso de identidade. No Sport Club,

“crianças, jovens e adultos se irmanam na prática de esportes, e é com grande satisfação que vemos o taubateano de amanhã forte e robusto, de caráter firme e resoluto, pronto para a labuta diária, como o foi o taubateano de ontem, para o contínuo engrandecimento do nosso Brasil.”²⁶

O Yacht Club (1941) foi construído numa casa de Alberto Guisard, seu diretor, perto de Tremembé, na margem direita do Paraíba. Como local de recreio e de contemplação estilística era amplo, belo e com imponentes vistas panorâmicas da Serra e do rio.

No departamento social, próximo do escritório central da companhia, se encontrava o Clube em cujo salão de dança se faziam as comemorações. Contava também com uma “*boa biblioteca para o prazer espiritual*”, um bar e bilhares. Através destas instalações, decidiam-se as distrações necessárias e próprias dos operários e o modo pelo qual seriam desenvolvidas, sempre no interior dos muros da CTI.

24. CTI Jornal, 15/out./1937

25. CTI Jornal, 22/jan./1942

26. O Momento, Taubaté, 24/mai./1944, n° 399, ano VII

Ao redor deste conjunto, em terrenos dos Guisard, foram surgindo outras construções, relacionadas com a CTI. Seguindo a rua dos Operários, que juntava um dos lados da estrela ao centro da cidade, chegava-se à Vila Operária, um conjunto de 200 habitações operárias que ocupava uma área construída de 7.506,50 m². Formava um bloco compacto e homogêneo e apresentava o traçado característico de outras vilas. As casas estavam alinhadas aos lados de duas ruas paralelas e rodeadas por grandes avenidas. Eram casas unifamiliares, térreas, alinhadas na rua e possuíam um pequeno quintal nos fundos, que limitava com os quintais das casas da outra rua. Tinham telhado de duas águas, eram de tijolo aparente e modestas: com a exceção de um friso que percorria a fachada, havia uma ausência total de decoração.

Apesar da uniformidade de materiais e estilo, não eram exatamente iguais. Dividiam-se em quatro tipos - A, B, C, E - diferenciados na parte externa e interna e na disposição dentro da vila. Assim, as do tipo A e B ocupavam as ruas principais; as do tipo C estavam situadas nos flancos, e as da categoria E, afastadas, eram de melhor qualidade e maiores, ocupando 105,00 m², sendo que a média oscilava por volta de 88,00 m². Evidenciavam que o maior *status* aumentava o direito à privacidade.

As casas tipo A, as mais modestas, eram geminadas. Na parte externa situavam-se duas portas centrais, ladeadas por um par de janelas dando uma para a sala, a outra para o quarto de dormir. Uma pequena platibanda ocultava o telhado. O interior era simétrico. Na parte central se encontravam as duas salas, a cozinha e o banheiro. O ponto em que as duas famílias estavam mais próximas coincidia com a parte da casa destinada à convivência. Nos extremos, os dois quartos, sem comunicação entre eles, se abriam para a sala, na qual desembocava também a cozinha. Não existia corredor.

As casas de tipo C possuíam mais um quarto e uma reduzida área de serviço e sua porta de entra-

da era lateral, de modo que eram as janelas dos quartos de dormir as que se abriam para a rua. Havia na parte externa um frontão decorado com relevos geométricos, uma pequena cobertura sobre a porta e um degrau marcando a transição entre a rua e a casa.

A distribuição era inteligível, geométrica, sem zonas inúteis, com quartos de igual tamanho. Tudo estava disposto com uma finalidade. A separação entre público e privado respondia a um determinado conceito de intimidade. Nelas, como nas fazendas da região, era a sala que se abria para a entrada, inexistindo um "hall" de transição entre a esfera pública (rua) e a privada (quartos). A sala era o ponto principal e maior, em volta do qual se agrupavam os quartos. A sociabilidade era enfatizada pela ausência de corredor: a sala dava acesso a todos os quartos, sendo necessário passar por ela para deslocar-se pela casa. A intimidade era restringida pela convivência familiar e pelas janelas dos dormitórios que - ao contrário dos quartos das fazendas que, às vezes, nem ventilação possuíam - manifestavam o que acontecia no interior para uma vizinhança que, podendo ouvir e ver, passava a ter um controle sobre a vida alheia.

A homogeneidade do conjunto baseava-se na crença de que à igualdade de condições correspondiam mesmas necessidades e gostos. Não existia a possibilidade de uma escolha de vizinhos, nem decoração adaptada à individualidade dos moradores - mas quando as casas foram vendidas, a maioria resolveu reformá-las. Objetivava-se apenas preencher necessidades básicas; não havia jardim, área doméstica, ou detalhes supérfluos. As residências eram cômodas mas simples, adequadas para operários:

"o operário quer e precisa da sua casa modesta mas confortável; precisa e deve quanto antes abandonar as pocilgas miseráveis em que vive e os antros infectos dos 'cortiços' imundos, onde

até a alma apodrece e as gerações crescem na mais deplorável sujeira material e espiritual.”²⁷

Reverso de cortiços centrais e favelas dos córregos e partes baixas da cidade, priorizavam assegurar o descanso e os cuidados corporais necessários a um ser produtivo. A moradia favorecia a introjeção de um modelo de família (nuclear), exemplarizado por Félix Guisard, “*chefe de família exemplar, amigo do lar*”, e de relações familiares e vicinais. Garantia a privacidade, mas não a individualidade (conciliando valores burgueses e o modelo de sociedade orgânica); mantinha juntos mas diferenciados entre si e de outros operários, ou grupos sociais; evitando a promiscuidade limitava a possibilidade de transmissão de doenças. Finalmente, fixava a mão-de-obra à fábrica e tornava a casa uma extensão do âmbito de trabalho. Assim como nele repetiam-se os movimentos, na esfera privada deveriam se comportar uniformemente.

A vila visava sintonizar trabalho e vida cotidiana, unir num mesmo ciclo descanso, reparador e trabalho produtivo, universalizar os valores do trabalho fabril, integrar as atividades fabris e aumentar o rendimento. O conjunto reforçaria o senso de identidade, mas não possuía locais de reunião, nem praças.

Além dos mecanismos de autocontrole, a proximidade da fábrica reforçava a vigilância. A redução do custo de transporte e habitação permitiam manter salários baixos. Ao vincular empregado e emprego, também quebrava laços de solidariedade de classe.

Contrastando com a modéstia da vila e com a sobriedade das fábricas, as residências dos Guisard se situavam na avenida Tiradentes que, partindo da estrela, circundava a Vila Operária em direção ao

centro. Os Guisard não moravam no centro junto à elite taubateana, mas perto de suas criações. A proximidade dos Guisard protegia, estreitava o controle e o contato com os operários - ainda que em detrimento de uma parcela de sua intimidade e acentuava a identificação público/privado, trabalho/família. As portas do casarão abriam-se das 18 às 19h para receber os trabalhadores e escutar seus problemas e para atender os que procuravam emprego.

As residências dos Guisard seguiam a crença de que a uma classe abastada, intelectualizada e proprietária correspondiam casarões espaçosos, com dependências majestosas e vistas panorâmicas: “*A bela vivenda (de Félix Guisard Filho) erecta no recanto mais belo da cidade, fim da Avenida Tiradentes, e de cujo miradouro se domina completamente a cidade e uma longa extensão da silenciosa e poética Mantiqueira...*”

Respondiam também à necessidade de ostentação. A inauguração da residência de Félix Guisard Filho (1924) foram convidados jornalistas: “*É grandioso o seu palacete, Doutor, viver aqui é um céu em vida, dissemos ao médico industrial, -Fi-lo com todas as comodidades, porque aqui pretendo viver e morrer*”. O palacete denotava bom gosto e riqueza: o custo, revelado aos jornalistas, de 180 contos, era muito superior à média exigida²⁸. Félix Guisard Filho demonstrava seu enraizamento local e, com a proximidade da CTI, reafirmava seu propósito de dar continuidade ao projeto de seu antecessor. Indicava que a um grupo recém-chegado, com valores novos correspondia um estilo de vida moderno numa zona inexplorada. O simbolismo da escolha não escapava aos jornalistas: “*E assim vai o prestígio da Fa-*

27. CTI Jornal, 15/dez./1939

28. No mesmo ano, pagavam-se 28 contos por uma propriedade que excedia os 40 alqueires

mília Guisard tornando a supracitada avenida na Avenida Paulista Taubateana."²⁹ Os Guisard proporcionavam a Taubaté seu próprio símbolo de "progresso".

A raiz da CTI, esta parte da cidade foi valorizada. As imediações foram se povoando de indústrias, casarões, vilas. Carros, bicicletas e pessoas circulavam pelas largas avenidas.

Perto da CTI e da estação ferroviária instalou-se uma estação rodoviária facilitando o transporte dos operários ao trabalho e enfatizando o caráter de centro de comunicações desta área. Com vila operária, urbanizou-se, também a zona que mediava entre o centro da cidade e a CTI, aproximando-se a fábrica ao resto da cidade.

Outros prédios dispersos pela cidade, semelhantes ao conjunto da CTI no material, estilo e uso racional e utilitário do espaço, resultaram das atividades sócio-políticas dos Guisard: a Escola Profissional Félix Guisard, um "*majestoso prédio*" para mais de 600 alunos, dispunha de instalações e tecnologia necessárias para formar quadros para a indústria.

Nas proximidades do Hospital de Santa Isabel - que Félix Guisard visitava diariamente - perto da estrela e em terreno de sua propriedade, concluiu-se o Dispensário Félix Guisard (1942) para o combate à tuberculose, de baixa incidência entre os operários da CTI (1%).

"A planta... elucida bem a disposição perfeita... e os requisitos científicos modernos com os quais contara a humanitária casa de saúde para o desempenho dos nobres cometimentos aos quais é destinada."³⁰

29. *O Libertário*, Taubaté, 5/out./1924, n° 39, ano I

30. *CTI Jornal*, 22/jan./1942, n° 57, ano V

Disposto simetricamente, no centro situava-se a porta de entrada e, aos lados, as duas alas, percorridas por um corredor para o qual se abriam as salas. Nos extremos, duas salas grandes para os doentes. A colocação e características das salas respondiam a uma classificação prévia dos doentes por sexo e idade e dos tipos e gravidade das doenças. O prédio, de dois andares, era amplo e bem iluminado. A fachada refletia o interior. Uma grande porta sobressaía no centro. Seus muros eram cortados por numerosas portas e janelas. Não havia decoração, mas a hierarquia era manifesta. No interior, aparelhos radiográficos modernos e autoridades médicas de prestígio indicavam que a doença devia ser tratada em locais apropriados com especialistas e aparelhos adequados.

Completando a política preventiva construíram-se em São Geraldo e na Estiva (bairros operários) um sanatório e um preventório para crianças de 5 a 10 anos, em cujas famílias foram detectados "focos" infecciosos e desatou-se uma vasta campanha propagandística para uma educação sanitária. Uma equipe de enfermeiras também visitava periodicamente as famílias operárias. Segundo o imaginário dos Guisard, que associava a tuberculose à miséria e corrupção moral, combateram-se determinadas doenças e privilegiaram-se determinados tratamentos.

Perto do dispensário e do Convento, foi erigido o Asilo de Mendigos (1928). Idealizado e financiado por Félix Guisard, seu diretor (1923-42), destinava-se a idosos pobres. O local fora escolhido porque nele Guisard iniciara sua vida em Taubaté e porque era suficientemente visível para ser admirado pelos viajantes.

Era um prédio extenso, de um andar. Em seus muros, de tijolo aparente, cortados por um friso e uma base, numerosas janelas eram separadas por pilastras caneladas. Fora estas aberturas, não havia nenhum ponto de destaque nem decoração.

O interior também obedecia a uma lógica. Havia separações por sexos, entre funcionários e inter-

nos, viandantes e pensionistas, por atividades e funções. Dividia-se em duas alas separadas pela entrada. Na feminina situava-se a capela. Na masculina funcionava também a parte administrativa. Para enfatizar a simetria, cada lado recebia o mesmo número de homens e mulheres. Confortável, era mantido limpo pelo grupo de freiras que o administrava.

A criação do Asilo, implicava uma paralela intervenção na sociedade, aprofundando a divisão entre aptos e incapacitados, trabalhadores e improdutivos. Fazia parte de um plano geral para especializar a rua e suprimir a mendicância que coincidiu com uma investida policial expulsando os estrangeiros, punindo os aptos e enviando para o Asilo os incapazes. Com o Asilo reorganizava-se a mão-de-obra e redefiniam-se direitos e deveres. Os mendigos reconhecidos poderiam esmolar em local e horários determinados e teriam um lugar para se recolher e aprender a se comportar e se vestir.

Perto do Asilo, no Cemitério do Convento pertencente à Ordem Terceira erigiu-se o túmulo de Félix Guisard, destinado à preservação de sua memória. Dois baixos relevos resumiam sua vida e valores, o trabalho e a caridade. A chama acesa, as flores, seu busto, representavam o triunfo de seu projeto.

Respondendo às necessidades energéticas da CTI, foi construída a Usina Hidrelétrica Félix Guisard (1913-27), que também abastecia São Luís de Paraitinga, Ubatuba, Redenção e Natividade. A construção causou grande impacto pelas dificuldades técnicas e financeiras que precisou superar. Segundo os jornais, a obra representava o triunfo da técnica sobre a natureza, a julgar pelas avultadas cifras de metros escavados, energia produzida, tamanho das máquinas, material consumido. A disposição do conjunto, a beleza do edifício principal, a cascata enfatizavam a magnificência da gigantesca construção. A subestação transformadora da Praça da Estrela também oferecia um impressionante espetáculo noturno com seu conjunto de potentes luzes.

Nas férias, a fábrica fechava e 5 caminhões trasladavam os operários até a colônia de Ubatuba na Enseada, lugar de difícil acesso. O núcleo formava um espaço retangular cortado por ruas paralelas nas quais se agrupavam as 130 moradias, todas iguais. Como na Vila Operária, as frentes das casas se abriam às ruas e os quintais dos fundos limitavam com os das casas da rua traseira. Também ali as casas eram simples, com duas janelas e telhado a duas águas. O conjunto estava cercado, entrando-se nele por vistoso portão, decorado com pilastras caneladas. O rio e o mar rodeavam o conjunto por dois lados, reforçando o isolamento. Ao contrário do que acontecia na Vila Operária, havia salão, cozinha, refeitório e "dancing", para favorecer a

"comunhão, mistura para cousas sociais de toda a nossa coletividade trabalhadora entre empregadores e empregados, chefes e subalternos, velhos, moços e crianças, sem preconceitos, sem distinções de qualquer espécie."³¹

O núcleo adaptava-se a um programa de atividades: festas, banhos, passeios, danças ao som de altofalantes e da Jazz Band, cinema ao ar livre, retretas, serenatas, pescarias, fogos de artifício, almoços em torno de uma grande mesa. Através da colônia decidia-se como e onde os operários passariam suas férias, estreitavam-se os vínculos e estendia-se a vigilância no período de descanso: do outro lado do muro da colônia se encontrava o palacete dos Guisard.

A estrada foi uma dificultosa obra de engenharia realizada por detentos. A colônia contribuiu para tornar produtiva a região. Em 1940 colocou-se a primeira pedra para um porto e uma rodovia até Taubaté com o auxílio financeiro de Ademar de Barros. Ini-

31. CTI Jornal. 22/Jan/1942

ciou-se a atividade industrial e turística e a exploração do subsolo, das madeiras de lei, e dos recursos marinhos. A região ressurgiu “depois de décadas de estagnação”.

O conjunto construído por Guisard era integrado e auto-suficiente. As construções eram sólidas, de tijolo, retangulares. Quebravam a monotonia dos grossos muros numerosas janelas, às vezes separadas por pilastras caneladas, única decoração existente além das siglas da CTI. Apesar da aparência modesta os materiais, técnicas e equipamentos eram sofisticados. Embora se apresentasse uniforme, era o resultado de um lento processo de definição de critérios. O primeiro escritório, por exemplo, não se abria para o centro da estrela, mas para um de seus extremos.

O conjunto de edificações alterou a relação com a natureza, propiciou novas formas de especulação imobiliária e de utilização do espaço, impôs critérios de educação, saúde, relações sociais e familiares, de diversão e trabalho.

O estilo foi reproduzido em outras edificações da época. Administrada pelos Guisard, a Companhia Predial de Taubaté, encarregada da remodelação do centro urbano, convertido em centro comercial, e da realização de loteamentos para habitações populares erigiu o edifício Urupês (1944), seguindo o modelo de escritório da CTI. Constava de uma larga base de 3 andares, sobre a qual se levanta um corpo central de 8 pavimentos. Possuía elevador central,

“um relógio que poderá ser avistado dos quatro cantos da cidade” e “um terraço de onde se poderá descortinar toda a cidade”. “O conjunto dos prédios de vários andares construídos pela ‘Predial’ no centro comercial da cidade virá trazer à nossa cidade o aspecto de moderno dinamismo que tão de perto condiz com a coletividade conterrânea”³²

32. CTI Jornal, 1944

A praça, centro nevrálgico do conjunto da CTI, completou-se em 1945 com o escritório da companhia. A primeira pedra foi colocada em 1938, como parte das comemorações das bodas de ouro de Félix Guisard. O primeiro escritório, do lado da fábrica, era pequeno, modesto, de tijolo, pouco diferenciando-se da mesma. Em 1930, fazia-se necessário escolher um lugar e um desenho mais adequados à importância da companhia.

O que caracterizava o prédio era sua centralidade. Ela explica a escolha do local, apesar de correr no subsolo um riacho, que exigiu a criação de uma equipe de bombeamento contra inundações. Constava de 12 andares, altura talvez injustificável atendendo à quantidade de espaço disponível, mas necessária como símbolo da figura sobressalente de Félix Guisard, da elevação de suas intenções e da importância da companhia. Denotava o triunfo do modelo sócio-econômico dos Guisard, sua supremacia. Desde seu terraço divisava-se toda a cidade.

A torre se levantava sobre uma larga base de 3 pavimentos. Suas paredes eram pintadas num tom claro e cortadas por janelas, transmitindo uma sensação de transparência e leveza, que contrastava com a solidez das construções à sua volta. O interior era iluminado e tinha magníficas vistas da cidade e da serra. Como múltiplos olhos, as janelas enfatizavam o interesse na observação das redondezas. A fachada era percorrida por pilastras caneladas decorativas, que evidenciavam a estrutura. Sobre a porta da entrada figuravam as siglas da CTI. O prédio estava composto de vários blocos justapostos, que formavam um conjunto compacto, de linhas puras, simples mas elegante, firme e imponente. A planta apresentava idêntica distribuição em todos os andares. No centro, um grande hall para o qual convergiam as salas. No hall de entrada, de madeira folhada e rodapés em mármore preto, encontrava-se o elevador. O interior era amplo e confortável.

Na parte superior da torre colocaram-se 4 relógios, um de cada lado. O relógio sintetizava as realizações dos Guisard, por sua vez decorrentes do processo fabril, que se centrava num determinado uso do tempo. Dele dependiam método, precisão, eficácia, disciplina. Ele media as aptidões do trabalhador e pautava o ritmo da produção³³. O relógio permitia medir o tempo por critérios científicos e introjetá-lo mecanicamente, contribuindo a criar uma consciência comum, necessária para regularizar um ritmo único que sincronizasse os operários e adequasse o ritmo biológico individual às exigências da produção industrial e assim, maximizar o rendimento. O relógio contribuía para a interiorização de um programa.

A partir de um modelo produtivo seria reorganizada e uniformizada a vida de cada indivíduo e o ritmo da cidade. Os sinos que determinavam a hora de orar e de descansar, os momentos de alegria, de pesar e de perigo foram substituídos pela cadência objetiva do relógio.

33. Simbolicamente, o relógio identificava-se à produção. Benedito Nogueiro, operário exemplar da CTI "afeito ao traba-

A partir da torre os taubateanos se orientariam no tempo e no espaço. Sua visão evidenciaria outros sinais da atividade da CTI, por sua vez dirigidos pelo relógio. A fumaça das chaminés (de 24 e 36m) indicava a atividade das oficinas; os sinos de alarme avisavam do perigo; o apito de vapor primeiro, e mais tarde a sirene elétrica, marcavam as horas de entrada e saída. "À tarde, quando o sol se deita na Serra, o apito tradicional convida os taubateanos ao descanso reparador...". O relógio do prédio "Félix Guisard" foi convertido em símbolo de Taubaté, em reconhecimento à presença da família e às transformações operadas na vida da cidade. Como em outras ocasiões, foi o Jornal da CTI que estabeleceu o que sua contemplação deveria sugerir:

"No relógio dos tempos, Félix Guisard adianta-se de espírito creto e varonil, de frente erguida, esguio, nobre, ufano sem vaidades, consciente, para pregar voluntariamente em clarinadas divinas, a cooperação social que há de presidir um novo mundo futuro, calmo, sem dissensões, pacífico, feliz".³⁴

lho sentia uma alegria incontida vendo o 'relógio' assinalar a metragem dos fios da massaroca." *CTI Jornal*, 21jul/1944

34. *CTI Jornal*, 1942, nº 57, ano V

Bibliografia

BLAY, E.. *Eu Não Tenho Onde Morar*. São Paulo, 1985.

DEAN, W.. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1971.

FRENCH, J.D. *O ABC dos operários. Conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo-São Caetano do Sul, HUCITEC, 1995.

RAGO, M.. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

SILVA, S.. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*.

São Paulo, Alfa-Omega, 1986.

SIMONSEN, R. C.. *Evolução industrial do Brasil e outros estudos*. São Paulo, EDUSP, 1973.

WHITROW, G.J. *Time in History. Views of time from prehistory to the present day*. Oxford, New York-Oxford University Press, 1988.

WINN, P. *Weavers of Revolution. The Yurur workers and Chile's road to socialism*. New York-Oxford, Oxford University Press, 1986.